

DECLARAÇÃO

Declino a quem interessar possa, que no dia 13 de junho de 1971, após mais de um ano de esforços, três missionários da Missão Anchieta acompanhados por dois índios Irantxe, chegaram na aldeia dos índios Munkü, até então arredios e ainda usando machado de pedra.

Realizado o contato, iniciaram o trabalho de assistência ao grupo indígena, procurando respeitar ao máximo seu modo de ser e de agir. Somente o machado de aço e o facão foram levados aos índios, a fim de que tivessem mais autonomia para a ampliação de suas roças.

Desde que os índios Munkü foram aproximados, os responsáveis por eles, da Missão Anchieta, haviam comunicado o fato à FUNAI, entrando com pedido de Reserva Indígena para o grupo.

Após um ano de contato através de visitas rápidas que nunca passaram de um dia, e isto realizado em espaços de até dois meses, Tapurá, índio Irantxe que esteve presente no primeiro contato e encontro, ficou entre os Munkü, recebendo pro mulheres Platalú e Kamunu, netas do chefe do grupo, Ximiuí. Tapurá era viuvo e recebeu a oferta dos Munkü de ficar com as duas moças irmãs, pois sendo pequeno o grupo, havia problemas de parentesco entre eles, o que impedia às moças de se unirem em casamento com os moços da tribo. Desde que ficou entre os Munkü, Tapurá recebeu a chefia do grupo, pois sendo mais aculturado podia defender melhor os interesses deles. Tudo isso foi resolvido por eles e em nada houve interferência dos missionários, seriamente preocupados em respeitar os costumes do grupo indígena.

Em agosto de 1972m houve o primeiro incidente dos índios com os civilizados, uma turma de medição. Tapurá e os Munkü, verificaram que sua aldeia estava sendo cercada por piques de medição. Sairam para verificar o que estava acontecendo e encontraram três homens abrindo picada e medindo. Tapurá, único que falava o português, perguntou o que faziam ali nas terras deles e se tinham ordem do governo. Os homens da medição explicaram-se dizendo que não sabiam da existência de índios na área e se retiraram, interrompendo os trabalhos da medição.

Tendo sido informados do incidente do encontro dos índios com a turma da medição, os responsáveis da Missão Anchieta iniciaram um diálogo direto com o interessado nas terras limítrofes do hábitat dos Munkü, o Sr. Mauro Tenuta. Alegava ele que a aldeia estava situada no fim da angulação do traçado de suas terras. Sendo assim, os missionários dialogaram com os índios vendo sobre a possibilidade de construir a aldeia um pouco mais para o oeste, liberando a área de litígio. Os índios relutaram, pois o seu hábitat era realmente na direção oposta, a leste, contudo aceitaram a proposta feita. Seriam indenizados de tudo, das grandes extensões de derrubadas, plantações, 500 metros de psita feita a golpes de machado, etc. Isto seria feito com vagar, sem pressa.

Em junho/julho de 1973, permaneci 30 dias na aldeia, sendo hóspede dos índios Munkü, comendo somente o que me deram: cará, batata doce, amendoim, feijão miúdo, castanhas, etc. O meu propósito era o de começar a aprender a língua dos índios, ajudá-los a ultimar o campo de pouso que há seis meses faziam a golpes de machado e verificar as condições que envolviam a aldeia, para ter melhor conhecimento da situação.

O que logo verifiquei é que a aldeia estava, de fato, bem envolvida pelos piques de medição e que faltava muita terra para que fosse fechada a área do Sr. Mauro Tenuta. Mesmo assim, os Munkü, nessa ocasião, escolheram o local para a nova aldeia e iniciaram a derrubada

do mato para fazer a roça. Foi também nessa mesma ocasião que conseguimos localizar a estrada particular que estava sendo aberta em sentido paralelo à aldeia, há uns 8 Km em linha reta.

Depois de 2 anos de contato, sobreveio ao grupo a primeira epidemia de gripe. Era o dia 9 de agosto de 1973 quando recebi a notícia de que os índios estavam gripados. Foram imediatamente atendidos, sendo que no dia seguinte, o avião da Missão Anchieta levou o P. Antônio Iasi e o Irmão Vicente Cañas até a fazenda Cravari, estando também eu junto. De lá fomos levados de toyota da mesma Missão até a entrada da picada que leva à aldeia. De lá, andando mais 3 horas no mato chegamos, já de noite, na aldeia. Os índios estavam realmente gripados, mas o estado não era grave. No dia seguinte retirei-me da aldeia, permanecendo lá o P. Antônio Iasi e o Irmão Vicente Cañas para tratamento dos índios. Após uma semana de permanência lá, estava debelado o primeiro surto de gripe sem que tivesse havido vítimas.

Exatamente um mês depois, no dia 8 de setembro, cheguei novamente na aldeia para uma visita rotineira. Acompanhavam-me os índios Iran-txe Alípio Xinunli e Inácio Kayoli. Com surpresa nossa não encontramos os índios na aldeia. As casas estavam fechadas há dias. Então concluímos que teriam ido para o local que haviam escolhido para fazer a nova aldeia e para lá nos dirigimos. De fato, lá estavam. Acabavam de fazer a casa grande. As chuvas já haviam iniciado e alguns estavam novamente gripados, pois naqueles dias ficaram mal abrigados. A índia mais idosa, Iapoitá, estava bem mal de saúde e já estava a caminho da aldeia velha, transportada em rede, às costas do seu filho Mantixi. Foi então que falei a Tapurá, o chefe indígena, de que não se preocupasse mais com a mudança da aldeia, pois as chuvas iam começar e isso era perigoso para a saúde deles, ~~mandando~~ andando de lá para cá. Nós iríamos insistir com o Maruo Tenuta de que a mudança da aldeia não se efetuaria a não ser dentro de um ano. Retornamos tomados para a aldeia e lá todos os que estavam mais atacados de gripe tomaram injeção antigripal, anticatarral, aplicadas pelo índio Alípio Xinunli. Isso ocorreu no dia 9 de setembro. No dia 10, voltamos, deixando os índios em bom estado, com exceção de Iapoitá que gemia com dores no estômago. Pretendia voltar logo para atendê-la melhor.

Uma semana depois, no dia 17 de setembro, Alípio Xinunli e eu chegamos, pelos lados do rio Papagaio, na aldeia nova, ainda não habitada. O índio ao perceber uma árvore de onde havia sido retirada uma grande porção de casca, logo afirmou: Tem defunto. De fato, ao entrarmos na nova casa encontramos os sinais de uma recente sepultura. Iapoitá havia falecido dias antes, de cólicas. Seu filho Mantixi havia transportado seu corpo e enterrado naquela casa nova onde haveriam de morar futuramente. Os índios não estavam ali. Seguimos para a outra aldeia e lá chegamos com o entardecer. Logo Tapurá noticiou-nos a morte de Iapoitá, acontecida há dias atrás e com grande dor revelou-nos que naquela mesma manhã havia falecido outro velho, Uiminã e já havia sido enterrado numa das casas grandes da aldeia. Fui ver a sepultura e fiquei mudo, sem poder dizer palavra para os índios. Ainda mais me chocou a situação quando Tapurá ainda disse que havia outro homem bastante mal de saúde. Alípio e eu fomos vê-lo. Era Iaukaí e tinha febre, desde o dia em que havíamos partido, no dia 10. O índio Alípio aplicou injeção anticatarral e conseguimos que co-

messe alguma coisa. Porém, seu estado não era bom. Fizemos massagem com álcool no estômago, pois queixava-se de dores. Depois disso pareceu melhor. Retiramo-nos, e já era noite. Fomos armar nossa rede e comer alguma coisa. Pouco tempo havia passado e ouvimos gritos e o aviso de que Iaukaí falecera...! Fiquei imóvel, apoiado na rede. Os gritos, os choros, e lamúrias foram muitos. É imensamente triste esta situação! No dia seguinte, cedo, abandonei a aldeia com Alípio Xinunli em busca de atendente para a nova crise de gripe. Andamos 5 horas de motor e chegamos ao rio Papagaio. Dali desci para a aldeia dos RIKBAKTA onde temos o rádio para comunicação. Foram algumas horas de motor de popa e muito antes que chegássemos, pifou o motor; tive que remar 6 horas em canoa para chegar ao lugar. Pedimos o avião e o P Iasi. Este chegou na aldeia no dia 20 e lá ficou tratando da saúde dos índios nesse segundo surto de gripe.

No dia 26 de setembro, pela manhã, o avião de prefixo PP STX pilotado pelo Sr. Milton (um dos irmãos Metralha), desceu pela primeira vez no campo feito pelos índios Munkú a golpes de machado, em meses de trabalho; eu estava junto e foi esta uma grande vitória e uma grande alegria para os índios que podiam ver de perto um avião. Já estavam todos muito bem de saúde. O avião decolou no dia seguinte bem cedo. Fiquei na aldeia com o P. Iasi e de lá só saímos no dia 30 de setembro, quando a jovem Aldir Mariano da Costa, enfermeira, chegou para permanecer lá, prosseguindo no atendimento da saúde dos índios. Com ela veio como companheira a jovem índia Irantxe Regina Ialapoitassi.

Duas semanas depois, no dia 11 de outubro, cheguei novamente na aldeia. A enfermeira referiu-me que os índios estavam bem e conforme estava combinado, ela deixou a aldeia no dia seguinte, juntamente com sua companheira, a índia Regina Ialapoitassi, seriamente enamorada de um dos moços Munkú, o filho do chefe Ximiuí, chamado Mantiixi. Disse que iria pedir a seus parentes para casar com o moço e virando morar lá. Fiquei na aldeia, pois era nossa intenção não abandonar o grupo indígena sem que tivéssemos a certeza de seu bom estado de saúde. Ausentei-me no dia 19, pois queria saber como os pais de Regina haviam reagido ao pedido da filha. No dia 24 estava de volta trazendo Regina, seus pais e uma irmãzinha sua. Os pais haviam concordado e vieram entregar a filha. Estando bem de saúde todos os índios, pude voltar, ainda mais tendo agora lá a jovem Regina que entendia um pouco de remédios.

A esse tempo já havíamos permitido aos medidores que continuassem a medição. Foi então que Tapurá e os Munkú verificaram que a medição em continuação, chegava bem perto da sua nova aldeia e com isto ficaram muito aborrecidos, pois estava havendo mentira da parte do fazendeiro. Urgimos, pois, com o Sr. Mauro Tenuta um maior esclarecimento sobre a situação das terras dele, o que não conseguimos. Partimos, então, para uma petição de interdição da área para que fosse dirimida a questão. A FUNAI estava encaminhando o processo. Com isso chegou ao fim do ano de 1973. O P. Antônio Iasi foi ficar umas duas semanas na aldeia com o fim de verificar a situação dos córregos, já que não conseguimos isso através de mapas, que não existem. Ele verificou que pelo menos dois deles tinham suas nascentes situadas além da aldeia onde estavam os índios, na direção leste. Foi proposto à FUNAI que a futura reserva incluisse todos os córregos afluentes do rio Papagaio pela sua margem direita, desde as suas cabeceiras--

Com isto queríamos evitar que, num futuro bem próximo, os índios tivessem que receber as águas já poluídas desde as suas cabeceiras, pois estas estariam nas terras da fazenda.

Neste pé estávamos, aguardando a solução da FUNAI.

Mauro Tenuta e os seus trabalhadores conheciam todas essas determinações e no dia 12 de março de 1974, quando fui buscá-lo de volta de sua estadia de duas semanas na aldeia, isto é, ao P. Iasi, ele deixou bilhete para o Sr. Vila, conhecido como Paraguaio, para ser entregue por ele, Paraguaio, ao capitão indígena Tapurá; o bilhete dizia que o trator poderia abrir a estrada até dois Km antes da aldeia; de lá para frente só seria feita uma picada, até que fosse esclarecida a questão. Esse bilhete quase desapareceu no incêndio da maloca nova, acontecido nestes últimos dias, mas ainda foi salvo o essencial.

No dia 4 de maio, acompanhado por dois índios Irantxe, cheguei no local da aldeia, depois de ter sido avisado, no acampamento dos trabalhadores, de que o Sr. Mauro Tenuta deixara aviso para que eu não chegasse na aldeia por ali. Então pude verificar que das malocas indígenas só havia um montão de destroços. O trator de esteiras trabalhava. Os índios haviam se retirado há dois dias, levando nas costas o que puderam. Foram enganados pelo próprio Mauro Tenuta que ali viera, em avião, dizendo que a FUNAI e o governo haviam dado aquela ordem. Em pagamento da retirada de suas terras, os índios receberam 10 sacos de arroz, 8 sacos de açúcar, 10 sacos de farinha, 1 saco de feijão, alguns facões, machados e foices, calças, camisas e botinas. É bom notar que esses índios ainda estavam com o seu regime alimentar próprio, não conhecendo outra alimentação. Roupas, nunca haviam usado até então e assim que essas coisas dadas a eles eram mais prejudiciais que ajuda real. Aláíás, deveriam levar tudo nas costas, a uns 10 Km de distância. Assim, Tapurá, o ativo chefe que fez parar e voltar a turma de medição em 1972, teve que aceitar a humilhação de deixar sua rica aldeia, repleta de alimentos, só porque lhe enganaram, alegando ser ordem da FUNAI.

Mais uma vez a prepotência oprimiu um grupo indefeso de índios!

Disto dou fé e assino.

P. Thomaz de Aquino Lisboa S.J.
responsável pelo atendimento dos índios
MUNKU.